

A LEI DE MERCADO E O MUNDO GLOBAL

MARIANI, Édio João
Docente Unesp/Marília e Faef/Garça
edio@cristorei.com.br

RESUMO

A teoria e ideologia neoliberal defendem um dogma da existência de uma mão invisível do mercado, que dirige todas as sociedades, por força da auto-regulação, até a harmonia de um interesse comum. O liberalismo surgiu na história da civilização ocidental como reação ao mercantilismo que, mais do que uma corrente de pensamento era uma prática econômica de países da Europa no início do sistema capitalista. A globalização ou chamada unificação dos mercados é a consolidação de três pólos econômicos: mercado, finanças e tecnologia.

Palavras Chaves: Liberalismo, Capitalismo, Globalização e Neoliberalismo.

ABSTRACT

The theory and neo liberal ideology defend a dogma of the existence of an invisible hand of the market, that direct all the societies, for force of the auto-regulation, until the harmony of a common interest. Liberalism appeared in history of the civilization occidental person as reaction to the mercantilism that, more of the one than a thought chain was one practical economic one of countries of the Europe in the beginning of the capitalist system. The globalization or called unification the markets is the consolidation of three economic polar regions: market, finances and technology.

Keywords: Liberalism, Capitalism, Globalization e Neo Liberal.

1- ECONOMIA-MUNDO CAPITALISTA

Ao longo do século XVI, na Europa, nasce a “economia-mundo capitalista”, como escreve Wallerstein (1974, p.16), um sistema diferente do feudal e que teve as seguintes características:

a) expandiu-se geograficamente até cobrir todo o globo; b) manifestou um modelo cíclico de expansão e contração, com alternância na localização geográfica dos papéis econômicos; c) passou por um processo de transformação secular, incluindo o progresso tecnológico, a industrialização, a proletarianização e a emergência de uma resistência política estruturada ao próprio sistema – uma transformação que ainda hoje continua (WALLERSTEIN, 1974, p.17-18).

Como vemos, desde o início o capitalismo teve como característica a globalização (cobrir todo o globo), através do estabelecimento de uma nova ordem internacional nos campos da política, economia e informática. Chamada de globalização, ela “[...] é condição básica para se entender o neoliberalismo, pois faz parte das transformações ocorridas ao longo da história do capitalismo. A globalização, portanto, nos leva à compreensão das transformações do modelo neoliberal” (ALVES, 1996, p.63).

A globalização que surge da natureza do capital desde o seu início,

[...] na realidade significa: o desenvolvimento necessário de um sistema internacional de dominação e subordinação. No plano da política totalizadora, corresponde ao estabelecimento de uma hierarquia de Estados nacionais mais, ou menos, poderosos que gozem – ou padeçam – da posição a eles atribuída pela relação de forças em vigor (mas de vez em quando, é inevitável, violentamente contestada) na ordem de poder do capital global. Também é importante enfatizar que a operação relativamente simples desse ‘duplo padrão’ não se destina a permanecer como um aspecto permanente do ordenamento global do capital. Sua duração se limita às condições da ascensão histórica do sistema, enquanto a expansão e a acumulação tranquilas proporcionarem a margem de lucro necessária que permita um índice de exploração relativamente favorável da força de trabalho nos países ‘metropolitanos’, em relação às condições de existência da força de trabalho no resto do mundo (MÉSZÁROS, 2002, p.111).

O movimento de expansão é uma tendência inerente ao capitalismo. Já em 1848, Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, entre outros escritos, apontavam a tendência à expansão do capitalismo como uma característica deste modo de organização da produção:

[...] essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com seriedade suas condições de existência e suas relações recíprocas. Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte. Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou à indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias-primas autóctones, mas sim matérias-primas vindas de regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam, para sua satisfação, os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal (1968, p.26-7).

2 - MERCADO GLOBAL

A globalização pode ser entendida e analisada sob vários ângulos. A globalização política tem dois marcos históricos fundamentais e recentes: a chegada ao poder, em 1985, de Mikhail Gorbachev, como premier do Partido Comunista Soviético, e a queda do Muro de Berlim, em 1989. A resultante desses dois acontecimentos formou a base de toda a reestruturação do sistema internacional centrado na guerra fria, que vinha sendo construído desde o final da Segunda Guerra Mundial: um sistema bipolar, no qual duas

superpotências hegemônicas, os Estados Unidos e a União Soviética dividiam entre si os poderes econômico, estratégico-militar e político.

Notamos ainda a crescente unificação do espaço econômico - através da globalização/unificação dos mercados - e a consolidação de três pólos econômicos - de mercado, de finanças e de tecnologia.

O processo de globalização do sistema capitalista é

[...] o primeiro na história que se constitui como totalizador irrecusável e irresistível, não importa quão repressiva tenha de ser a imposição de sua função totalizadora em qualquer momento e em qualquer lugar em que encontre resistência. [...] o preço a ser pago por esse incomensurável dinamismo totalizador é, paradoxalmente, a perda de controle sobre os processos de decisão (MÉSZÁROS, 2002, p.97).

Como globalização da produção entende-se o fenômeno pelo qual um determinado produto tem suas etapas de produção distribuídas numa espécie de cadeia em localizações geográficas distintas, sendo o produto final resultante de um processo que leva em consideração a lógica dos custos e, também, em termos ideais, a lógica da qualidade. Os principais agentes deste processo são as empresas transnacionais e, conforme Oliveira, “[...] esta nova base técnica tornou possível a globalização da produção e dos fluxos financeiros, cujos autores principais são as empresas e os bancos transnacionais” (1996, p.72).

Segundo Sander, estamos nos deparando com um novo cenário econômico que influencia as transformações pelas quais o mundo passa hoje. Esse cenário tem sua maior expressão

[...] na globalização, que está associada à revolução microeletrônica, que dá origem à chamada sociedade global de informação. A nova economia da sociedade global tem como base o acesso ao conhecimento e sua eficiente utilização. Trata-se assim uma luta de poder internacional pelo direito e acesso ao conhecimento científico e tecnológico e pelo direcionamento da sociedade global (2002, p.57).

No campo financeiro, a tendência é ocorrer, mundialmente, um acelerado crescimento dos investimentos estrangeiros diretos. De 1983 a 1989 esta espécie de investimentos cresceu cerca de três vezes mais que o comércio internacional, o que pode ser interpretado como uma crescente interdependência mundial. Segundo Oliveira,

Certamente a globalização significa, em última instância, uma nova forma de acumulação e regulação do capital que agora, se constitui, em sentido pleno, como 'sistema mundial', com uma capacidade de ação cada vez mais independente em relação aos estados nacionais, o que se visibilizou, em primeiro lugar, pela internacionalização dos fluxos financeiros, possibilitando a interpretação da globalização como uma dinâmica voltada para a valorização do dinheiro (1996, p.72).¹

A pressão dos mercados financeiros desregulados, desde o início dos anos de 1980, fez com que ocorresse uma grande transferência de renda dos trabalhadores para aqueles que possuem grandes fortunas monetárias. Essa transferência provocou uma enorme tensão entre as duas classes sociais, ressaltando ainda mais a exploração dos trabalhadores pelos capitalistas.

Nesse contexto, a teoria neoliberal cresceu e ganhou corpo, defendendo a tese de que a vida social deve ser regida pelos mercados auto-regulados, sem a participação do Estado na economia, realizando privatização, liberando o comércio internacional e estabilizando a moeda.

Segundo Oliveira,

Numa despolitização plena da economia, o que gera o fascínio de um mundo regido, unicamente, pelas leis impessoais do mercado. Para os neoliberais, a solução da crise passa pela retomada do crescimento econômico que só será possível através de um aumento de lucratividade do capital, incompatível com os níveis salariais e os encargos fiscais requeridos pelos sistemas de proteção social obtidos no Estado de Bem-Estar (1996, p.75).

Silva relata que

[...] o que estamos presenciando é um processo amplo de redefinição global das esferas social, política e pessoal, no qual complexos e eficazes mecanismos de significação e representação são utilizados para criar um clima favorável à visão social e política neoliberal (1994, p.42).

Cabe-nos ressaltar, na questão da globalização, a pertinente visão de Mézáros:

[...] o processo de globalização, como de fato o conhecemos, se afirma reforçando os centros mais dinâmicos de dominação (e

¹ Para Altvater (1992) o desenvolvimento das forças produtivas e, com isso, o futuro de toda uma geração de africanos, asiáticos e latino-americanos são sacrificados no altar da dolarização dos sistemas nacionais de dinheiro em função da conservação de um sistema internacional de crédito hipertrofiado. A racionalidade do mercado formal tem efeitos destrutivos em relação às condições de vida dos homens em todos os cantos da terra.

exploração) do capital, trazendo em sua esteira uma desigualdade crescente e uma dureza extrema para a avassaladora maioria do povo, pois as respostas de um escrutínio crítico poderiam entrar em conflito com as políticas seguidas pelas forças capitalistas dominantes e seus colaboradores espontâneos no 'Terceiro Mundo'. No entanto, com essa globalização em andamento, que se apresenta como muito benéfica, nada se oferece aos 'países subdesenvolvidos' além da perpetuação da taxa diferenciada de exploração (2002, p.64).

A globalização está a serviço das empresas transnacionais que ditam as regras do mercado e do consumo para o mundo. Ela, no entendimento de Vieira, redimensionou as noções de espaço e tempo. "Em segundos, notícias dão volta ao mundo, capitais entram e saem de um país por transferências eletrônicas" (1995, p.56). A globalização transformou a organização econômica, as relações sociais, os padrões de vida, de cultura e de educação e, igualmente, a dimensão do Estado e da política. Enfim, foi a dimensão social que sofreu os maiores impactos com a globalização.

Na dimensão educacional, de acordo com Sander,

As receitas dessas práticas de gestão educacional são influenciadas significativamente pelo espírito competitivo da nova economia global. Essas práticas, por sua vez, alimentam e realimentam o modelo mercadológico da globalização e, ao fazê-lo, favorecem aqueles países e instituições que impõem as regras do jogo em função de seus interesses econômicos e comerciais e suas aspirações políticas (2002, p.63).

Por fim, gostaríamos de apontar que, segundo Wallerstein (2004), a globalização deve ser vista dentro da crise pela qual o "sistema da economia-mundo capitalista está passando". Para ele os processos a que geralmente nos referimos quando falamos de globalização não são na verdade novos, pois "existem há mais de quinhentos anos". O período de 1450 até hoje "assinala o ciclo de vida da economia-mundo capitalista, que teve o seu período de gênese, de normal desenvolvimento e agora o período de crise terminal" (p.54).

Estamos de fato em um momento de transformação. Mas não de um mundo já estabelecido com regras claras, recentemente globalizado. Estamos antes em uma era de transição, transição não apenas de alguns países atrasados que precisam pegar o trem da globalização, mas uma transição na qual todo o sistema-mundo capitalista será transformado em outra coisa. O futuro, longe de ser inevitável, um futuro ao qual não existe

alternativa, será determinado nessa transição cujo resultado é incerto (WALLERSTEIN, 2004, p. 53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. C. Neoliberalismo e o cotidiano das escolas. *Revista AEC*, Brasília, n. 100, p.27-35, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Escríba, 1968.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, M. de. A globalização e a problemática do terceiro mundo. *Revista AEC*, Brasília, n. 100, 1996.

SANDER, Benno. O estudo da administração da educação na virada do século. IN: MACHADO, L. M.; FERREIRA, N. S. C. *Política e Gestão da Educação: Dois olhares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 55-68.

SILVA, T. T. *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIEIRA, S. L. Neoliberalismo, privatização e educação no Brasil. In: OLIVEIRA, R. P.(org.) *Política Educacional: impasses e alternativas*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 27 - 56.

WALLERSTEIN, I. *O declínio do poder americano*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

WALLERSTEIN, I. *O sistema mundial moderno*. Porto: Afrontamento, 1974. v.2.